



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA

Ionara Layanne Amorim Rosa

**PSICOPEDAGOGIA E APRENDIZAGEM: a importância da afetividade como
elemento facilitador entre ensinantes e aprendentes**

Orientador: Prof. Dr. Roberto Derivaldo Anselmo

JOÃO PESSOA
2015

IONARA LAYANNE AMORIM ROSA

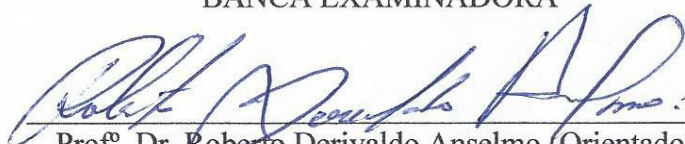
PSICOPEDAGOGIA E APRENDIZAGEM: a importância da afetividade como elemento
facilitador entre ensinantes e aprendentes

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
curso de Bacharelado de Psicopedagogia do
Centro de Educação da Universidade Federal da
Paraíba, como requisito parcial para a obtenção
do grau de Bacharel em Psicopedagogia.

Orientador (a): Profº. Dr. Roberto Derivaldo
Anselmo

Aprovado em: 04 / 12 / 2015.

BANCA EXAMINADORA


Profº. Dr. Roberto Derivaldo Anselmo (Orientador)
Universidade Federal da Paraíba


Profª. Dra. Geovani Soares de Assis (Membro)
Universidade Federal da Paraíba

PSICOPEDAGOGIA E APRENDIZAGEM: a importância da afetividade como elemento facilitador entre ensinantes e aprendentes

Resumo: Este artigo tem como fundamento compreender a importância da afetividade na educação infantil como elemento facilitador no processo de ensino-aprendizagem, elencando contribuições positivas da relação afetiva entre ensinante e aprendente para o processo de aprendizagem. Dessa forma buscou-se identificar a partir dos teóricos estudados de que forma a afetividade pode influenciar na aprendizagem humana. Nossa pesquisa caracteriza-se como uma pesquisa bibliográfica e o nosso referencial foram construídos sobre os pressupostos teóricos de Jean Piaget, Henri Wallon e Lev Semenovitch Vygotsky. A LDB (Lei Diretrizes e Base Nacional 9.394/96) preconiza que a educação infantil tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até cinco anos de idade em seus aspectos físicos, psicológicos, intelectual e social. Assim, a dimensão afetiva ocupa lugar central, tanto no aspecto da construção do indivíduo quanto do cognitivo. A escola deve proporcionar um espaço de reflexões sobre a vida do aluno como um todo, contribuindo para o desenvolvimento de uma consciência crítica e transformadora, na qual esse processo não deveria dissociar-se da afetividade.

Palavras-chave: Psicopedagogia. Afetividade. Aprendizagem

1 INTRODUÇÃO

A educação afetiva apresenta-se como um grande diferencial na construção de uma escola a partir do respeito, compreensão, moral e autonomia de ideias. Uma vez que se pretendem capacitar sujeitos críticos, honestos e responsáveis, o desenvolvimento afetivo é fundamental para qualquer indivíduo. Com isso, a afetividade contribui para o desenvolvimento da aprendizagem de forma crítica e autônoma, pois a afetividade não se resume só em manifestações de carinho físico, mas principalmente em uma preparação de natureza cognitiva.

É fato que a necessidade de aprender é algo inerente ao ser humano, todo indivíduo desde pequeno sente necessidade de demonstrar o que sabe fazer e o que é capaz de aprender. E a partir dessa necessidade caberá a escola, família estimular e possibilitar o desenvolvimento integral criança. É imprescindível o papel do adulto mediante o desenvolvimento infantil, de forma que proporcione vivências diferenciadas e enriquecedoras a fim de que as crianças fortaleçam sua auto-estima e consequentemente desenvolvam suas capacidades.

A educação infantil é uma das mais complexas fases do desenvolvimento humano no que diz respeito aos aspectos de desenvolvimento intelectual, emocional, social e motor da criança e, por tal motivo essa modalidade exige o máximo de atenção e preocupação por parte das instituições escolares e possam ofertar um atendimento pedagógico de qualidade, onde os ensinantes e todos profissionais da educação tenham a consciência e sensibilidade que será na educação básica os primeiros caminhos de formação e socialização da criança fora do ambiente familiar e a escola precisa disponibilizar condições básicas nas quais as crianças sintam-se seguras, protegidas e acolhidas.

A escola que, até então, tinha apenas como finalidade transmitir o conhecimento, passa a ter uma nova finalidade, de difundir o conhecimento com afetividade, pois a criança que vem para escola deseja antes do conhecimento, receber atenção, carinho, respeito e afeto dos professores que lá se encontram.

Um ambiente de afetividade, carinho e respeito contribuem de forma mais eficiente para a formação do ser humano na sua totalidade tornando sua vida mais harmoniosa com seus semelhantes. E vale salientar que é da família o papel de maior relevância para a formação da personalidade da criança. Família presente e afetiva contribui com a escola no crescimento individual e no senso coletivo do aprendente.

A afetividade é um dos fatores que colaboram para o sucesso do processo de ensino aprendizagem. O professor que atua neste âmbito deve buscar constantemente estratégias de intervenção psicopedagógica para favorecer o desenvolvimento e a aprendizagem das crianças que

se encontram na educação infantil. O educador através da afetividade e da empatia precisa conquistar o aluno para depois passar o conhecimento necessário, pois o que marcará na memória da criança será o que foi feito com amor e carinho. É importante que o ensinante se aproxime do aprendente, se mostre amigo e traga segurança junto ao ambiente onde ocorre a aprendizagem.

A construção do conhecimento deve se dar com a mediação do educador e a participação do aluno e família. O educador, através da afetividade e da empatia, precisa conquistar o aluno para depois passar o conhecimento necessário, pois o que ficará registrado na memória da criança será o que foi realizado com amor e carinho. O presente trabalho teve como objetivo geral analisar e compreender a importância da afetividade na melhoria do processo de ensino-aprendizagem na educação infantil e como objetivos específicos em buscar nas principais obras educacionais e pedagógicas como as de Piaget, Vygotsky e Wallon referências teóricas sobre afetividade no processo de desenvolvimento da aprendizagem e elencar contribuições positivas da relação afetiva entre ensinante e aprendente para o processo de aprendizagem. A metodologia utilizada caracteriza-se por uma pesquisa bibliográfica. Em nossa pesquisa procuramos compreender e refletir acerca da importância da afetividade para melhoria da aprendizagem, elencando contribuições positivas da relação afetiva entre ensinante e aprendente no processo de ensino e aprendizagem a partir dos teóricos estudados.

Esperamos com o nosso estudo contribuir com todos os profissionais que lidam com a aprendizagem da criança, mostrando como a afetividade pode influenciar positivamente no processo de aprendizagem, pois acreditamos que a escola deve proporcionar um espaço de reflexão sobre a vida do aluno como um todo, contribuindo para o desenvolvimento de uma consciência crítica e transformadora. Esse processo não deveria dissociar-se da afetividade

2 BREVE HISTÓRIA DA PSICOPEDAGOGIA

Segundo Bossa (2007), a psicopedagogia surgiu na Europa ainda no século XIX, pois evidenciava uma preocupação voltada para área médica, pois se acreditava que a causa da dificuldade na aprendizagem era puramente biológica, conseqüentemente a psicopedagogia constituía-se um caráter orgânico, ou seja, médica pedagógica. A deficiência era vista como única causadora das dificuldades de aprendizagens apresentadas por esses sujeitos, mas já hoje sabemos que ela pode ser uma das possíveis causadoras, e era indispensável o portador de deficiência ter acompanhamento médico-pedagógico frequentemente, mas já hoje sabemos que ela pode ser uma das possíveis causadoras. Fontes (2006) afirma:

A psicopedagogia surgiu no final do século XIX, na Europa, pois o intuito da psicopedagogia dessa época era entender e sanar os problemas de aprendizagem relacionada a áreas afins como pedagogia, psicologia e a medicina. O autor ainda afirma que a primeira escola preocupada em solucionar problemas de aprendizagens foi inaugurada no fim do século XIX em Séguin, França, destinada a crianças portadoras de deficiência mental, e como enfoque existia uma preocupação voltada nos distúrbios e nas técnicas capazes de superá-los.

Segundo Bossa (2007, p.48-49) a psicopedagogia chegou ao Brasil na década de 70, em uma época cujas dificuldades de aprendizagens eram associadas a uma disfunção neurológica denominada de disfunção cerebral mínima (DCM) que virou moda neste período, servindo para camuflar problemas sociopedagógicos.

A Psicopedagogia é um campo de atuação em saúde e educação que lida com o processo de aprendizagem humana, seus padrões normais e patológicos, considerando a influência do meio, família, escola e sociedade no seu desenvolvimento, utilizando procedimentos próprios da psicopedagogia.

2.1 A APRENDIZAGEM

É quase impossível uma descrição precisa e abrangente de um conceito tão amplo quanto o de aprendizagem, até o momento a ciência e as correntes teóricas levantaram pressupostos sob esse processo, mas ainda não foram capazes de responder com total exatidão sobre o que ocorre no cérebro de uma pessoa quando ela aprende alguma coisa. É suposto que durante o processo de aquisição do conhecimento ocorrem modificações no sistema nervoso, porém essas mudanças ainda não foram precisamente detectadas.

Segundo Saltini (2008, p.12):

[...] pela impossibilidade de observação direta, a aprendizagem é constatada e estudada de maneira indireta ela é estudada de maneira indireta. Ela é estudada através dos efeitos que ela causa no comportamento. Para conceituar aprendizagem, portanto, é preciso analisar as suas consequências sobre a conduta.

Dessa maneira a aprendizagem é vista como um processo de mudança de comportamento obtido por meio da experiência construída por fatores emocionais, neurológicos, relacionais e ambientais resultantes da interação entre estruturas mentais e o meio ambiente em que se vive, levando em consideração os conceitos culturais que o grupo social conhece e considera correto. É então, o resultado das experiências anteriormente adquiridas, visto que cada experiência acrescenta aos indivíduos novos saberes e são justamente esses saberes que trazem mudanças de comportamento. Se antes de aprender o indivíduo agia de forma incorreta, agora, com a aprendizagem, irá agir de forma diferente, demonstrando que aprendeu.

A aprendizagem tem como característica ser um processo contínuo na vida dos indivíduos, no qual cada um de acordo com suas particularidades e com todo o contexto e oportunidades que lhe são oferecidas. De acordo com a abordagem histórico-cultural a aprendizagem é fruto da interação com o outro. Nesta perspectiva, outro aspecto que está relacionado com aprendizagem seriam as funções psicológicas superiores, onde as mesmas se desenvolvem mediante a aquisição de conhecimentos transmitidos historicamente por meio da mediação dos indivíduos com mais desenvolvimento de cultura por intermédio da interação social e pela utilização de signos. Sendo essas funções são características próprias dos seres humanos, resultantes da estimulação dentro do contexto sócio-cultural. No ambiente da sala de aula ocorrem a troca de experiências, as discussões, interação entre os alunos e as relações afetivas entre ensinante e aprendente. Nesse ambiente o educador observa seus educandos, identifica suas conquistas e suas dificuldades e os conhece cada vez melhor. O espaço de sala de aula deve ser um ambiente cooperativo e motivador, de modo a favorecer o desenvolvimento da criança, a relação ensinante-aprendente, por ser de natureza antagônica, oferece riquíssimas possibilidades de crescimento.

O processo de ensino-aprendizagem está diretamente ligado à construção do indivíduo como um todo, pois as experiências em determinados momentos seja no universo, escolar, familiar reflete diretamente no desenvolvimento do ser humano. Uma vez que a construção do real ocorre por intermédio de informações e desafios que o mundo o proporciona e o aspecto afetivo ocorre em todos estes momentos.

2.2 A AFETIVIDADE

Segundo o dicionário Aurélio (1994) afetividade é uma palavra feminina e está definida como: conjuntos de fenômenos sobre a forma de emoções, sentimentos, e paixões acompanhados de dor ou prazer, de satisfação ou insatisfação, de agrado ou desagrado, de alegria ou tristeza.

De acordo com a pedagoga Ana Rita Silva Almeida (2005), afetividade é um conceito amplo, integra relações afetivas como a emoção (medo, cólera, alegria, tristeza), a paixão e o sentimento, inerentes ao processo ensino-aprendizagem. O ensino é um movimento liderado e coordenado por um profissional, ou seja, o professor que intervém e media o conhecimento. Aprendizagem é a consequência da intervenção e da mediação do professor, resultando na apropriação dos aprendentes, dos conhecimentos, habilidades e atitudes que depois de internalizados serão socializados. Para que a aprendizagem provoque uma efetiva mudança de comportamento e amplie cada vez mais o potencial do aprendente, é necessário que ele perceba a relação entre o que está aprendendo e a sua vida.

O ingresso da criança na escola representa o primeiro afastamento da família e a maioria das vezes as crianças ainda não estão preparadas. Sendo assim o afeto do professor será de grande relevância para mediar na interação desta criança com o ambiente. É de extrema importância que a criança sinta-se bem acolhida e gradativamente passe a compreender que o afastamento é um processo natural e que conseqüentemente comece a criar dentro de si a noção de responsabilidade.

Piaget (1976) certifica que a criança no início de sua vida não tem consciência do próprio eu e vive num processo de diferenciação. Assim, a afetividade está basicamente centrada em seu próprio corpo e em suas próprias ações. Quando toma consciência de si suas relações tornam-se objetais, e outro torna objeto de afeto. E com o passar do tempo ocorrerá os sentimentos espontâneos, que nascem das trocas entre as pessoas. Haverá simpatia em relação às pessoas que respondem aos interesses da criança e que a valorizam. Podendo ocorrer também antipatias.

De acordo com o crescimento da criança, as crises emotivas vão reduzindo, e aquelas cenas tão comuns na infância vão sendo controladas pela razão num trabalho de desenvolvimento da pessoa. As emoções são subordinadas ao controle das funções psíquicas superiores, da razão. E na tentativa de organizar seus conhecimentos adquiridos até então a criança volta-se naturalmente ao mundo real, predominando a função cognitiva. Logo, todo processo de educação influencia na constituição do sujeito. A criança independentemente do ambiente na qual esteja inserida, seja casa, escola ela está se constituindo como ser sujeito, conseqüência da sua vivência com o outro. E através de informações, indagações sobre as coisas do mundo resultam na construção do real e o aspecto afetivo faz parte de todo esse processo.

Segundo Almeida (2005), a relação que atribui o ensinar e aprender acontece a partir de vínculos entre as pessoas e inicia-se no âmbito familiar. A estrutura desta relação vincular é afetiva, pois é através de uma forma de comunicação emocional que a criança mobiliza o adulto, e garante deste modo os cuidados de que necessita, portanto é o vínculo afetivo estabelecido entre o adulto e a criança que mantém a etapa inicial do processo de aprendizagem.

É importante ressaltar que afetividade não se resume apenas nos contatos físicos, mas também através das formas cognitivas, nas relações afetivas no processo de ensino-aprendizagem, de forma a contribuir com a auto-estima do aprendente; isto é, elogiando seu trabalho, reconhecendo seus esforços e motivando sempre, de forma que aprendente sinta-se confiante e capaz e desenvolva um aprendizado mais significativo e prazeroso.

2.2.1 Teoria de Vygotsky

A afetividade quando resulta da prática do amor, torna-se amorosidade, atitude que se reveste em um estímulo para o aprendizado, dando clareza e entendimento a consciência, que por sua vez, têm como consequência o prazer em aprender e ensinar. Vygotsky(1994,p.54) destaca que:

A importância das interações sociais, ressaltando a idéia da mediação e da internalização como aspectos fundamentais para a aprendizagem e, defendendo que a construção do conhecimento ocorre a partir de um intenso processo de interação entre as pessoas. Portanto, é a partir de sua inserção na cultura que a criança, através da interação social com as pessoas que a rodeiam, vai se desenvolvendo na constituição do seu eu. Apropriando-se das práticas culturalmente estabelecidas, ela vai evoluindo das formas elementares de pensamento para formas mais abstratas, que a ajudarão a conhecer e controlar a realidade.

Nesse sentido, Vygotsky destaca a importância do outro no processo não só de construção do conhecimento, mas também de constituição do próprio sujeito e de suas formas de agir. Cabe mencionar que, para Vygotsky, a escola desempenha um importante papel no desenvolvimento intelectual e conceitual das crianças, pois é ela que se apropria da experiência culturalmente acumulada, desenvolvendo o pensamento conceitual e a construção dos novos conhecimentos. Isso faz com que a escola deva partir do que a criança já sabe para, então, ampliar os seus conhecimentos.

Vygotsky construiu uma abordagem teórica pautada em estudos que abrange o desenvolvimento humano. Ele apresenta uma visão da construção das funções psíquicas superiores tais como a internalização mediada pela cultural.

Para Vygotsky (1994) o desenvolvimento do indivíduo é consequência e fruto das interações que o sujeito determina no contexto histórico e cultural no qual está inserido. Ele ressalta que o indivíduo constrói seu conhecimento por meio de um intenso processo de interação social, onde através da inserção da criança na cultura ela vai se apropriando de novas aprendizagens.

Segundo Vygotsky, existe a Zona de Desenvolvimento Proximal, que se refere a distância entre nível de desenvolvimento atual e o nível potencial do desenvolvimento. A concepção de Mediação enfatiza a construção do conhecimento como fruto de uma interação oriunda da intervenção oriunda por várias relações. A linguagem representa uma grande importância para a evolução humana. É por meio dela que criamos conceitos, formas de organização do real, a mediação entre sujeito e o objeto do conhecimento. Na cultura que é fornecido ao ser humano os sistemas simbólicos de representação da realidade, que estão em constante progresso de recriação e reinterpretação de informações, conceitos e significações. Para o funcionamento do psicológico, o desenvolvimento do processo de internalização que envolve uma atividade externa que deve ser modificada para se tornar uma atividade interna, é interpessoal e se torna interpessoal. A interação social se dá no pensamento, memória, percepção e atenção. A motivação, a necessidade, impulso, emoção e afeto, parte através do pensamento. Outra importância da relação ensino-aprendizagem no aspecto emocional se dá através do que Vygotsky classifica como influência da educação no sentimento.

Se quisermos que os alunos recordem melhor ou exercitem mais o pensamento, devemos fazer com que as atividades sejam emocionalmente estimuladas. A experiência e a pesquisa têm mostrado que um fato impregnado de emoção é recordado mais sólido, firme e prolongado que um feito indiferente. Cada vez que comunicarem algo ao aluno tente afetar seu sentimento. A emoção não é uma ferramenta menos importante que o pensamento (VYGOTSKY, 1994, p.56).

Mediante embasamento de Vygotsky que diz que a emoção e o sentimento são fatores determinantes no desenvolvimento cognitivo, podemos concluir que a instituição escolar é onde a intervenção pedagógica interacional desencadeia o processo ensino-aprendizagem.

2.2.2 Desenvolvimento Cognitivo Segundo Piaget

Para compreender o tema afetividade de forma ampla é necessário entender a perspectiva de afetividade e a teoria de desenvolvimento cognitivo de acordo com Jean Piaget. Segundo Piaget (1976, p.16) o afeto é essencial para o funcionamento da inteligência.

[...]vida afetiva e vida cognitiva são inseparáveis, embora distintas. E são inseparáveis porque todo intercâmbio com o meio pressupõe ao mesmo tempo estruturação e valorização. Assim é que não se poderia raciocinar, inclusive em matemática, sem vivenciar certos sentimentos, e que, por outro lado, não existem afeições sem um mínimo de compreensão.

De acordo com a citação acima, sem afeto então, não há interesse, necessidade e motivação pela aprendizagem, não há também questionamentos, e sem eles, não há desenvolvimento mental. Afetividade e cognição se complementam e uma dá suporte ao desenvolvimento da outra. Piaget desenvolveu estudos científicos em diversos campos como a psicologia do desenvolvimento, epistemologia genética e a teoria cognitiva.

O indivíduo tende a um equilíbrio, que está relacionado a um comportamento adaptativo em relação à natureza, que por sua vez sugere um sujeito de características biológicas inegáveis, as quais são fonte de construção da inteligência. O desenvolvimento é caracterizado por um processo de sucessivas equilibrações. O desenvolvimento psíquico começa quando nascemos e segue até a maturidade, sendo comparável ao crescimento orgânico: com este, orienta-se, essencialmente, para o equilíbrio (PIAGET, 1976, p.13)

Esse desenvolvimento apesar de contínuo é caracterizado por determinadas formas de pensar e agir em diferentes idades, formas que o autor denominou estágios e refletem os diferentes modos de a criança pensar ao longo de sua vida. Segundo Piaget, o desenvolvimento passa por quatro diferentes estágios: O sensório motor seria o primeiro estágio que vai de (0 a 2 anos aproximadamente), a criança procura observar os objetos que a rodeia e passa a ter controle motor, adquirindo conhecimentos empíricos que são controlados por informações sensoriais imediatas. A principal característica desse período é a ausência da função semiótica. A inteligência é trabalhada por meio de percepções e ações, como o deslocamento do próprio corpo. A linguagem começa por repetição de sílabas e vai até as palavras que não são frases, mas indicadores de ações já que não representa mentalmente os objetos. A criança nessa fase reage a isolamento e indiferença quanto a sua conduta social, pois ela acredita que o mundo é apenas ela mesma.

O segundo estágio o pré-operatório (2 a 7 anos aproximadamente), a criança procura desenvolver a habilidade verbal. Aqui, ela já consegue nomear objetos e raciocinar intuitivamente, embora ainda não consiga coordenar operações fundamentais. De dois a quatro anos a criança vive o período simbólico, ou seja, a função semiótica permite o surgimento da imitação, linguagem, dramatização, desenho, etc., criando imagens mentais na ausência do objeto ou da ação. É conhecido também como o período da fantasia e do jogo simbólico. A linguagem está no nível de monólogo. Todas as crianças falam ao mesmo tempo sem ter uma linearidade com o que outro está dizendo. Piaget denomina algumas expressões verbais delas como nominalismo (nomear objetos que ainda não sabem o nome), egocentrismo e superdeterminação (teimosia). Dos quatro a oito anos as crianças vivem o período intuitivo que é marcado pelo desejo de explicação dos fenômenos, onde “os por quês” são frequentes. Aqui elas já distinguem a fantasia do real.

O terceiro estágio ele define operatório concreto (7 a 11 anos aproximadamente), as crianças começam a lidar com conceitos abstratos e é caracterizado por uma constante habilidade de solucionar problemas concretos e por uma lógica interna. O sujeito já é capaz de organizar o mundo da forma lógica ou operatória. Nesse momento as crianças formam grupos, círculos de amizades, compreendendo regras e estabelecem compromissos. Mas discutir pontos de vista e chegar a um senso comum só será possível na fase seguinte.

E o quarto estágio o operatório formal (aproximadamente a partir dos 12 anos), a criança inicia transição para o modo de pensar do adulto, sendo capaz de refletir sobre idéias abstratas e

raciocinar sistematicamente. A partir de estruturas lógico-matemático e hipotético-dedutivo é possível a dialética, permitindo uma conclusão diante de uma discussão e estabelecer relações cooperativas e reciprocidade em grupos sociais.

De acordo com a teoria de Piaget (1996), o desenvolvimento intelectual possui dois componentes que são o cognitivo e o afetivo. Ambos se dão paralelamente e é de fundamental importância o cuidado com o aspecto afetivo no processo de ensino-aprendizagem, pois ela é a dimensão que representa a dificuldade na tomada de consciência do eu e do outro.

Piaget enfatiza que nenhum conhecimento, mesmo que por meio da percepção, não é basicamente reflexo do real, ou completamente oriundo da mente do sujeito. Na verdade é fruto da interação entre o indivíduo e o objeto e consequência do resultado que foi influenciado pelas atitudes espontâneas do organismo e os estímulos externos recebidos, configurando na aprendizagem, e ao afeto mediante esse processo se tornam a energia que impulsionará nas ações humanas, o mesmo ressalta que sem afeto não surgirá interesse nem motivação para que ocorra o processo de aprendizagem.

Percebe-se que a afetividade é de suma importância para a vida, tanto quanto a formação cognitiva ou o processo do conhecimento. A afetividade e a inteligência são dois inseparáveis no desenvolvimento e se apresentam de forma complementar, pois se a criança tem algum problema no desenvolvimento afetivo isto acabará comprometendo seu desenvolvimento cognitivo.

2.2.3 Contribuições de Wallon

Wallon dedicou grande parte de sua vida nos estudos acerca das emoções e afetividade, cujo mesmo descreve afetividade com um domínio funcional onde depende da ação de dois aspectos: o orgânico e o social. De acordo com Almeida (2005), a afetividade para Wallon desempenha papel de grande relevância no processo de construção da personalidade da criança, onde se constitui sob a alternância dos domínios funcionais.

Wallon (2000) faz referência a cinco estágios de desenvolvimento que são: o impulsivo emocional, sensorio motor e projetivo, personalismo, categorial e puberdade e adolescência.

A respeito do impulsivo emocional (0 a 1 ano) ele se divide em duas fases, a primeira que inicia no nascimento da criança chamada de impulsiva, e vai até o terceiro mês de vida que tem como característica por meio de movimentos bruscos serão expressadas suas sensibilidades que proporcionaram ao bebê bem ou mal estar, a segunda fase que vai do terceiro mês ao primeiro ano de vida que é tido como o emocional, onde o bebê já consegue discernir sensações como medo e de alegria, se tornando capaz de se expressar com o próprio corpo.

O segundo estágio que se refere ao sensório-motor e projetivo (1 a 3 anos) onde a criança já distingue o espaço físico ao seu redor, através do ato de sentar, indicar, mostrar, e pela expressão da fala.

O terceiro estágio é o do personalismo (3 a 6 anos), que tem como característica o momento no qual a criança passa a se enxergar como alguém diferente do outro, despertando o interesse em chamar atenção dos outros num processo de construção da sua subjetividade.

O quarto estágio chamado de categorial (6 a 11 anos) é marcado pelo momento onde a criança já consegue representar de forma estável e apropriada, identificando e definindo os objetos, onde aspectos como classificação, seriação se tornam lógicas, discernindo e agrupando as semelhanças e diferenças das ações e tendo uma compreensão mais nítida de si mesmo.

O quinto estágio é o da puberdade e adolescência (11 anos em diante), onde o sujeito começa se preparar para a vida adulta, passando pelas transformações físicas e uma série de conflitos internos e externos, que se caracteriza pelos momentos a busca de auto-afirmação, questionamentos existenciais passa a se submeter a valores impostos pela sociedade e família, e muitas das não compreende nem aceita. As categorias cognitivas neste estágio apresentam um alto nível de abstração que vão possibilitar distinção de limites, autonomia e dependência.

Cada um desses estágios permite novas vivências realizadas pela etapa anterior edificando num processo mútuo de integração e diferenciação. O fato da prevalência do aspecto afetivo em um determinado estágio, não incide que nos outros não estarão presentes, ocasionando durante o desenvolvimento consecutivas especificações entre os campos funcionais.

Muito embora nessa teoria o desenvolvimento tenha sido descrito até a adolescência, wallon enfatiza que não termina nessa etapa a evolução humana, ressaltando que a construção do “eu” sempre será um processo inacabado, onde perdura ao longo de toda a vida do ser humano.

Galvão (2008) atesta que a afetividade para Wallon acontece de acordo com os estágios que ele indica para compreender o desenvolvimento humano. E ressalta que os estágios são de grande relevância para o processo de educação. E que é de suma importância que o educador conhecesse os estágios, para a partir deles elaborar atividades que desse subsídio para o desenvolvimento do aprendente durante a aprendizagem.

3 A ESCOLA COMO INSTITUIÇÃO AFETIVA

A escola constitui como um espaço essencialmente educativo cuja função principal é a de mediar o conhecimento possibilitando ao educando o acesso a reconstrução do saber. Segundo Vygotsky a aprendizagem se estrutura em uma perspectiva social, por meio da interação com o outro, deste modo a criança introduz instrumentos culturais. Vygotsky ressalta a relevância das interações sociais, tendo como enfoque os conceitos da mediação e da internalização, destacando-os como aspectos fundamentais diante o processo de aprendizagem. A construção do conhecimento é fruto do dinamismo de interação entre os sujeitos. Deste modo, é a partir de sua inserção na cultura que a criança desenvolve na sua totalidade, não só em domínio de conhecimento, mas também na construção do lhe é inerente.

É de suma relevância o aprendente relacionar-se com colegas de escola, familiares e com os ensinantes. É fato que cada criança apresenta atributos próprios, umas apresentam facilidades em se adaptar ao ambiente e a interagir e já outras necessitam da mediação através de estímulos. Sendo assim a escola precisa está preparada e conhecer seus alunos, suas necessidades, suas potencialidades tendo sempre como enfoque a organização dos sistemas cognitivos e afetivos. E os ensinantes precisam compreender que a afetividade interfere no crescimento pessoal do indivíduo. É essencial que os pais e ensinantes permitam a seus filhos e aprendentes, a vivência das emoções pela criança, e tenham essas situações como oportunidades de auxiliá-las a aprender como vivenciar com tais afetos que são inerentes ao ser humano.

Algumas escolas preocupam, - se exclusivamente com o conhecimento intelectual, mas é fato que tão importante quanto à aquisição do saber, o equilíbrio emocional desempenha papel fundamental, pois através do mesmo as crianças apresentarão atitudes positivas diante de si mesmo e dos outros, de forma que aprenderão a colaborar e viver em sociedade. Com isso, se faz necessário que o aprendente encontre na instituição escolar um ambiente favorável para o seu desenvolvimento e aprendizado, onde possibilite a construção do conhecimento em meio às inúmeras situações que o aprendente enfrentará, e a escola precisa oferecer perspectivas onde o aprendente possa expandir sua realidade construindo assim sua autonomia de pensamento, e optem pelas escolhas certas.

4 RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO/AFETIVIDADE

É na sala de aula que ocorrem à troca de experiências, as discussões, interações entre os alunos e as relações afetivas entre professor e aluno. Nesse ambiente o educador observa seus educandos, identifica suas conquistas e suas dificuldades e os conhece cada vez melhor. O espaço de sala de aula deve ser um ambiente cooperativo e motivador, de modo a favorecer o desenvolvimento. Tanto a escola, quanto a família são primordiais para o desenvolvimento da criança, e a relação professor-aluno, por ser de natureza antagônica oferece riquíssimas possibilidades de crescimento.

Por meio da afetividade na Educação Infantil é possível ir além do ensino tradicional em busca de relações concretas que auxiliam a aprendizagem da criança, uma vez que ela ainda não possui uma capacidade de abstração que permita um ensino mais conteudista. Portanto, é de fundamental importância abordar que a ação pedagógica deve nortear a relação afetiva que influenciará no desenvolvimento do aluno, tendo em vista diferenças individuais e comportamentais inerentes ao ser humano. De acordo com Oliveira (2007), principalmente na Educação Infantil é imprescindível que ensinante seja parceiro no desenvolvimento do aprendente, onde a função do ensinante é de ser verdadeiro em suas atuações e se relacionar afetivamente com o aprendente.

É na sala de aula que ocorrem à troca de experiências, as discussões, interações entre os alunos e as relações afetivas entre professor e aluno. Nesse ambiente o educador observa seus educandos, identifica suas conquistas e suas dificuldades e os conhece cada vez melhor. O espaço de sala de aula deve ser um ambiente cooperativo e motivador, de modo a favorecer o desenvolvimento. Tanto a escola, quanto a família são primordiais para o desenvolvimento da criança, e a relação professor-aluno, por ser de natureza antagônica oferece riquíssimas possibilidades de crescimento.

Wallon (1975) afirma que é a partir da sua própria experiência, das repetições, das diferenças que se manifestam que a criança tem a capacidade de diferenciar e reconhecer o que está de acordo ou não com as suas expectativas e necessidades, e que conseqüentemente a levam ao aprendizado. E isso ocorre, através de uma análise bem direcionada das atividades escolares e dos resultados. Deste modo, a formação dos professores não pode restringir aos livros, mas às experiências pedagógicas, as quais devem ser pensadas, refletidas e analisadas, para provocar ações onde se destaque e se realiza as novas conquistas do conhecimento.

A sensibilidade do professor torna-o capaz de entender os estágios de desenvolvimento da criança, fazendo-o vivenciar um mundo de imaginação, sonhos, alegria e etc. O professor precisa conhecer bem a criança, para usar de estratégias que produzam resultados satisfatórios, concordar que o aluno tem um papel importante no uso da didática adotada pelo professor. Assim, a inter-

relação da professora com o grupo de aluno e com cada um em particular é constante, se dá o tempo todo, seja na sala ou no pátio, e é função dessa proximidade afetiva que se dá a interação com os objetos e a construção de um conhecimento altamente envolvente. essa inter-relação é o fio condutor, o suporte afetivo do conhecimento.

A interação professor-aluno ultrapassa os limites profissionais e escolares, pois é uma relação que envolve sentimentos e deixa marcas para toda a vida. Observamos que a relação professor-aluno, deve sempre buscar a afetividade e a comunicação entre ambos, como base e forma de construção do conhecimento e do aspecto emocional. Ser professor não se constitui em uma simples tarefa de transmissão de conhecimento, pois vai mais além e também consiste em despertar no aluno valores e sentimentos como o amor do próximo e o respeito, entre outros. Como destaca Rodrigues (1997), o educador não é simplesmente um repassador de conhecimentos para seus alunos, pois o seu papel é bem mais amplo, porque ultrapassa uma simples transmissão de conhecimentos.

O aprender se torna mais interessante quando o aluno se sente competente pelas atitudes e métodos de motivação em sala de aula. O prazer pelo aprender não é uma atividade que surge espontaneamente nos alunos, pois, não é uma tarefa que cumprem com satisfação, sendo em alguns casos encaradas como obrigação. Para que isto possa ser mais bem desenvolvido, o professor deve despertar a curiosidade dos alunos, acompanhando suas ações no desenrolar das atividades em sala de aula.

Freire(1996, p.96), enfatiza as características do professor que envolve afetivamente seus alunos afirmando que:

O bom professor é o que consegue, enquanto fala trazer o aluno até a intimidade do movimento do seu pensamento. Sua aula é assim um desafio e não uma cantiga de ninar. Seus alunos cansam, não dormem. Cansam porque acompanham as idas e vindas de seu pensamento, surpreendem suas pausas, suas dúvidas, suas incertezas.

É possível afirmar, a partir da idéia do pensador acima citado, que “é o modo de agir do professor em sala de aula, mais do que suas características de personalidade que colabora para uma adequada aprendizagem dos alunos; fundamenta-se numa determinada concepção do papel do professor, que por sua vez reflete valores e padrões da sociedade”.

4 PERSPECTIVAS E PRÁTICAS PSICOPEDAGÓGICAS

Segundo os autores: Piaget, Vygotsky e Wallon no que diz respeito às perspectivas e práticas psicopedagógicas as suas teorias contribuem de forma significativa e eficaz para a compreensão do desenvolvimento humano no processo de ensino-aprendizagem nas séries iniciais. Jean Piaget oferece aos professores uma teoria didática para que possam desenvolver as capacidades e habilidades cognitivas e afetivas nos alunos por meio de estímulos. É de suma importância a definição dos períodos de desenvolvimento da inteligência para que auxilie o professor no entendimento da fase que seus alunos estão passando e montar uma didática específica para o grupo. Baseado na teoria de Vygotsky, o professor é o mediador entre o sujeito e o objeto de estudo, interferindo no processo de aprendizagem, levando em conta aspectos da linguagem, cultura, processo de internalização, função mental e zona de desenvolvimento proximal. O aluno aprende junto ao outro o que produz o grupo social seja na linguagem, valores ou conhecimentos. Wallon propõe uma teoria pedagógica tendo o “meio” como um conjunto de circunstâncias no qual as pessoas se desenvolvem interagindo com o outro.

Nesse caso, o Psicopedagogo desempenha o papel de mediador no processo educativo, entre ensinante e aprendente, orientando o ensinante e dando suporte no caminho de construção, isso significa que a ação do professor precisa ser pautada no conhecimento acerca do desenvolvimento psicológico da criança e, conseqüentemente, das suas necessidades. Acredito que dessa forma, o professor terá condições de tomar as decisões comprometidas com o desenvolvimento de habilidades e potencialidades, que façam desse aluno uma pessoa mais feliz e plenamente realizada em suas aprendizagens.

5 METODOLOGIA

Para este estudo, foi realizada uma pesquisa bibliográfica, a qual valeu de teóricos clássicos e contemporâneos que trabalham com a questão da afetividade no processo de aprendizagem, buscando obter o máximo de informações e esclarecimentos que contribuíssem para a resolução dos problemas aqui apresentados.

A pesquisa bibliográfica levanta o conhecimento disponível na área, possibilitando que o pesquisador conheça as teorias produzidas, analisando-as e avaliando sua contribuição para compreender ou explicar o seu problema objeto de investigação (MALHEIROS, 2010, p. 23).

Em nosso estudo realizamos algumas reflexões sobre a importância da afetividade para o processo de aprendizagem, tendo em vista que a escola desempenha um importante papel no desenvolvimento intelectual e conceitual das crianças. Desse modo, as interações entre os alunos e os professores é condição necessária para a produção de conhecimentos, permitindo o diálogo, a cooperação e as trocas de informações mútuas. Ainda sobre a mesma abordagem, ressaltamos a influência da afetividade na construção do conhecimento, no qual a aprendizagem depende do clima afetivo na sala de aula.

O critério usado para selecionar os teóricos a serem estudados foram as contribuições desses autores com a proposta de tema em questão, ou seja, estudos relacionados basicamente com a afetividade na relação professor-aluno, afetividade na educação infantil e construção do processo ensino-aprendizagem. Selecionei 10 artigos dos últimos 15 anos no intuito de através da leitura analisar se segundo as visões e colocações dos autores referente a importância da afetividade no processo de aprendizagem, se foi ressaltado grandes mudanças de entendimento e compreensão de tal aspecto.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do presente estudo foi possível compreender por intermédio de pesquisas teóricas que a afetividade colabora no processo de ensino-aprendizagem e contribui para o desenvolvimento integral da criança, percebe-se que o vínculo entre ensinante e aprendente, coopera qualitativamente para o desenvolvimento do aprendente. É imprescindível que o professor conheça os estágios cognitivos de seu aluno, para que possa utilizar os mecanismos educativos apropriados e promovam práticas pedagógicas estimulativas não restritas ao período de amadurecimento de cada idade.

O trabalho da psicopedagogia tem grande importância para o desenvolvimento de uma educação significativa, implica atividades que tenham relevância para o aprendente e para o ensinante.

A integração de todos envolvidos no processo educativo, família, escola, professores irá proporcionar ao aprendente a possibilidade de ter um aprendizado mais significativo. Cabe ao ensinante investir em vínculos afetivos, recuperar no aluno a esperança e o prazer em aprender. Espera-se que os educadores reflitam sobre o seu papel de mediador e facilitador, recuperando a afetividade no ensino-aprendizagem. Acredito que dessa forma o professor terá condições de tomar decisões comprometidas com o desenvolvimento de habilidades e potencialidades que façam desse aluno uma pessoa mais feliz e plenamente realizada em suas aprendizagens.

Segundo Augusto Cury (2008) quanto ao ensinante o uso de uma prática pedagógica afetiva pode estimular não só a relação afetiva como a questão cognitiva, social do aprendente.

É fato que todas as pessoas têm um potencial que é seu, fruto das suas relações com o mundo. Todos nós, sempre temos, teremos ou tivemos algum relato extraído das experiências de sala de aula, dos relacionamentos do par educativo ensinante e aprendente que resultam num sentimento, numa lembrança que podemos compartilhar, de forma que favoreça a troca de experiências e dando a eles novos significados consequentemente enriquecendo os nossos conhecimentos.

ABSTRACT

This article is based understand the importance of affection in early childhood education as a facilitator in the teaching-learning process, listing positive contributions of affective relationship between teacher and learner in the learning process. Thus we sought to identify from the theoretical study how affection can influence human learning. Our research is characterized as a bibliographical research and our framework was built on the theoretical assumptions of Jean Piaget, Henri Wallon and Lev Vygotsky Semenovitch. The LDB (Law Guidelines and National Base 9.394/96) calls for early childhood education aims at the integral development of children up to five years old in their physical, psychological, intellectual and social. Thus, the affective dimension occupies a central place, both in the aspect of building the individual and the cognitive. The school must provide a space reflections on the life of the student as a whole, contributing to the development of a critical consciousness and transforming, in which this process should not divorced from affection.

Keywords: Psychology. Affectivity. Learning

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Ana Rita Silva. **A emoção na sala de aula**. 5. Ed. Campinas, SP: Papirus, 2005.
- BOSSA, N.A. **A psicopedagogia no Brasil**: contribuições a partir da prática. Porto Alegre: Artes Médicas, 2007.
- CHALITA, G; **Pedagogia do Amor**: a contribuição das histórias universais para a formação de valores das novas gerações – São Paulo: 19 ed. - Editora Gente, 2003.
- CUNHA, A. E. **Afeto e aprendizagem**: amorosidade e saber na prática pedagógica. Rio de Janeiro. Wak, 2008.
- CURY A.. **Pais Brilhantes, Professores Fascinantes**. Rio de Janeiro. Sextante, 2008.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: Saberes necessários á prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- GALVÃO, I. **Henri Wallon**: uma concepção dialética do desenvolvimento infantil. 17. Ed. Petrópolis: Vozes, 2008.
- Lei nº. 9.394/96- **Das diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília: Dezembro de 1996 (Artigo 29).
- MALHEIROS, M.R.T.L. **Pesquisa na graduação**. Disponível em: <www.profillian.com.acesso>. Acesso em: 22/11/2015.
- OLIVEIRA, Z. R. **Educação Infantil**: fundamentos e métodos. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2007.
- PAULA, E M A T. de; MENDONÇA, F W. **Psicologia do Desenvolvimento**. Curitiba: IESDE Brasil S.A. 160 p.
- PIAGET, J. **A construção do real na criança**. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.
- _____. **Biologia e conhecimento**. 2 ed. Vozes: Petrópolis, 1996.
- RODRIGUES, N. **Por uma escola nova**: O Transitório e o permanente na educação. 11 ed São Paulo: Cortez, 1997.
- SALTINI, C. J.P. **Afetividade e Inteligência**. Rio de Janeiro: Wak, 2008.
- VYGOTSKY, L, S; LURIA, A.R: LEONTIEV, A.N. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. São Paulo: Icone, 1998.
- WALLON, H. **Psicologia e Educação da infância**. Lisboa: Editorial Estampa 1975.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, que permitiu que tudo isso acontecesse ao longo da minha vida, e não somente nestes anos como universitária, por ser essencial em minha vida, meu guia, socorro bem presente na hora da angústia.

À Universidade Federal da Paraíba, e todo corpo docente pela oportunidade de fazer o curso. Ao meu orientador Prof.Dr. Roberto Anselmo pelo suporte no pouco tempo que lhe coube, pelas suas correções e palavras de incentivos que fez imensa diferença para que eu não desistisse.

À Prof.^a Dra. Viviany Silva Pessoa por ser professora da disciplina TCC, que sempre se manteve disponível em sanar as dúvidas.

Ao meu Pai Igilvânio Rubens que através de sua simplicidade e diálogo, me fortaleceu fazendo um grande diferencial nesse processo.

A minha amiga da faculdade Débora Oliveira que foi de grande relevância com seu carinho, atenção e suporte acadêmico.

E a todos que direta ou indiretamente contribuíram fizeram parte da minha formação, o meu muito obrigado, até aqui me ajudou o Senhor.